

**A FUNÇÃO REVOLUCIONÁRIA DA MULHER A PARTIR DE HERBERT
 MARCUSE**

Mikaelly Costa Jucá¹

Resumo: O objetivo deste artigo será apresentar a mulher como força revolucionária, como um movimento político de contestação necessário para um novo princípio de realidade. Como referência principal utilizamos o ensaio *Marxismo e Feminismo*, onde Herbert Marcuse reconhece as potencialidades do movimento das mulheres e propõe uma possibilidade de existência de uma nova sociabilidade, ou seja, um surgimento de um novo princípio de realidade o qual se faz necessário para emancipação feminina, onde seria superado as relações sociais e individuais do ser humano. Para Marcuse, a emancipação feminina não deve ser vista como uma utopia inatingível mas como uma luta política que tem todos os meios possíveis para acontecer que por mais difícil e doloroso que seja, é um processo necessário para o alcance de uma sociedade madura tanto para homens quanto para mulheres. A luta pela emancipação das mulheres, também é uma luta pela emancipação humana.

Palavras-Chaves: Herbert Marcuse. Emancipação Feminina. Novo Princípio de Realidade.

THE REVOLUTIONARY FUNCTION OF WOMEN FROM HERBERT MARCUSE

Abstract: The objective of this article will present the woman as a revolutionary force, as a political movement of contestation necessary for a new principle of reality. As main reference we used the test of *Marxism and feminism*, where Herbert Marcuse recognizes the potential of the women's movement and proposes a possibility of existence of a new sociability, that is, an emergence of a new principle of reality which is necessary for the emancipation of women where would overcome the social relations and individual of the human being. For Marcuse, the emancipation of women should not be seen as an unattainable utopia but as a political struggle that has all means possible to happen that by more difficult and painful, is a process necessary for the achievement of a mature society to both men and women. The struggle for the emancipation of women, it is also a struggle for human emancipation

Keywords: Herbert Marcuse. Feminine emancipation. New Reality Principle.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista de Iniciação Científica – IC/UECE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Atualidade do Pensamento de Herbert Marcuse”. E-mail: Kaelly_92@hotmail.com

Introdução

Herbert Marcuse desde seus primeiros escritos indica as contradições no interior das sociedades industriais avançadas, uma sociedade unidimensional² organizada e radical, em que a oposição tende a desaparecer. Devido as satisfações materiais que o *status quo* oferece, ocorre uma “unificação dos opostos”, uma harmonia social compensadora, o proletariado como agente revolucionário está cada vez mais integrado ao sistema e o mesmo se encontra controlado e paralisado politicamente. Como meios para o proletariado se mover, Marcuse irá destacar a função dos “agentes catalizadores”, forças de oposição frente a realidade estabelecida. Deve-se atentar que Marcuse não pretende negar a importância e nem o protagonismo do proletariado, o mesmo continua sendo o principal agente de negação do capitalismo embora esteja em um estado semi-letárgico destacará a grande relevância dos grupos de minorias.

Entre esses agentes catalizadores, ele vê com um potencial radical de mudança no movimento das mulheres, “acredito que o movimento de libertação da mulher hoje seja, talvez o mais importante e potencialmente o mais radical movimento político que temos.” (MARCUSE, 1974, p.3, tradução nossa). No artigo *Marxismo e Feminismo*, Marcuse será mais ostensivo em relação ao movimento das mulheres que para o mesmo é mais que uma força política contra o *status quo*, seria determinante para uma transformação social necessária, um movimento independente.

Iniciaremos com uma reflexão sobre a importância do papel feminino na sociedade afluenta em *O Homem Unidimensional- Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, onde predomina a dessublimação repressiva³ que dificulta uma consciência revolucionária e libertária. Trataremos dos mecanismos que o *status quo* utiliza para que o “socialismo feminista” pareça ser uma utopia irrealizável. Em o *Marxismo e Feminismo* a comprovação da relevância do movimento das mulheres como força para a construção de uma sociedade humana e emancipada. Utilizaremos *Eros e Civilização- Uma interpretação de Freud e Um Ensaio para a Libertação* para compreender o sentido radical e revolucionário do

² Segundo Marcuse, uma sociedade onde tudo está padronizado de acordo com o padrão do princípio de desempenho estabelecido, tendo consequência o conformismo social.

³ Na sociedade industrial contemporânea há uma crescente dessublimação (como consequência da mais-repressão), um imediatismo nas gratificações dos indivíduos, nos costumes sexuais e comportamento sexual, nas relações sociais e na cultura onde por muito tempo foi reprimido, hoje na sociedade é liberado e até mesmo incentivo. A sexualidade torna-se uma atração comercial.

movimento de mulheres, pensado a partir da ressensibilização do Eros, como força política para construção de uma nova realidade.

A presente pesquisa tem por objetivo geral compreender a importância da luta revolucionária feminina, sua função frente a sociedade estabelecida, como força potencialmente radical e transformadora na teoria crítica de Herbert Marcuse. O problema que esta pesquisa levanta como fio condutor para solucionarmos é a seguinte: Como a emancipação da mulher pode se converter como força decisiva na construção de um novo princípio de realidade melhor para homens e mulheres? Desta maneira, também surgirão alguns questionamentos pertinentes: Como ocorre o processo de formação da consciência militante feminista em uma sociedade patriarcal e capitalista? E por fim, como pensar o Movimento feminista como força revolucionária que ultrapasse uma utopia surgindo uma nova realidade? Com isso, a presente pesquisa buscar contribuir com a discussão acerca da temática marcuseana na linha feminista como força revolucionária.

A justificativa que nos leva a desenvolver esta pesquisa está na preocupação de incentivar uma discussão sobre possíveis alternativas de superar uma sociedade patriarcal que domina a mulher desde sempre e apresenta-la como força revolucionária capaz de transcender ao princípio estabelecido, assim se faz necessária estimular a discussão nos dias atuais. Dessa forma ao expor e analisar o pensamento de Marcuse que mostrará a possibilidade de uma nova sociedade diferente da anterior que por mais doloroso que possa ser o filósofo reconhece que será um processo difícil mas necessário para uma sociedade madura com novos hábitos e costumes diferentes do que existem tanto para homens quanto para mulheres.

A conclusão a qual chegamos é que Marcuse não pretende apenas apontar os problemas na sociedade afluyente, ele propõe uma possibilidade de existência, onde parece não haver, de uma nova sociabilidade, ou seja, um novo princípio de realidade se faz necessário para emancipação feminina, onde seriam superadas as relações sociais e individuais capitalistas.

1 A mulher na sociedade unidimensional

A palavra feminismo passou a ser usada para representar as mulheres militantes que lutam por igualdades e direitos das mulheres, frente a uma sociedade patriarcal que por muito tempo o homem fez o papel de dominador perante a mulher, controlando-a. Um processo histórico de sujeição, onde a mulher se resumia em cuidadora do lar e dos filhos, condicionada

OCCURSUS

REVISTA DE FILOSOFIA

socialmente a ser recatada enquanto o homem estava envolvido com o trabalho, com o sustento da casa, características essas de ambos diferentes, tanto social, mental e fisiológica. Marcuse ressalva que para entender a sociedade deve-se compreender a relação entre homem e mulher que foram por um longo processo socialmente condicionados pela civilização.

Na sociedade unidimensional⁴ o indivíduo encontra-se quase totalmente conciliado com a realidade capitalista, identificando-se com o *status quo*, com suas satisfações supridas por uma democracia organizada. A partir do princípio de desempenho⁵ ocorre uma intensificação do controle, através de uma produção lucrativa em favor de uma liberalização cada vez mais possível. Com uma maior liberdade que aparece como algo positivo, ocorre também um maior domínio “sob o domínio de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em um poderoso instrumento de dominação” (MARCUSE, 1964, p. 46) Com o predomínio do princípio de desempenho, a mulher é transformada em um objeto sexual, o corpo torna-se uma mercadoria, um corpo domesticável a mais a ser vendida, tendências essas que parecem libertadoras mas são a reprodução do sistema patriarcal estabelecido onde a mulher tem estado sujeita a uma repressão⁶ singular, manipuladora e exploradora.

Sempre tem sido observado que a civilização industrial avançada opera com um grau maior de liberdade sexual- ‘opera’ no sentido de que esta se torna um valor de mercado e elemento dos costumes sociais. Sem deixar de ser um instrumento de trabalho, ao corpo é permitido exibir seus atributos sexuais no mundo do trabalho cotidiano e nas relações de trabalho. Essa é uma das únicas realizações da sociedade industrial- tornada possível pela redução da sujeira e do trabalho físico pesado; pela disponibilidade de roupas baratas e atrativas, pelo cultivo da beleza e da higiene física; pelas exigências da indústria da propaganda etc. As atrativas secretárias e vendedoras, o executivo jovem e viril e o supervisor atraente são mercadorias altamente vendáveis, e a posse de amantes adequadas – outrora prerrogativa de reis, príncipes e lordes- facilita a carreira até mesmo dos postos mais modernos do mundo dos negócios. (MARCUSE, 1955, p. 99).

⁴ Segundo Marcuse, o qual denomina ‘sociedade sem oposição’, onde tudo está padronizado e controlado pelo estabelecido, como consequência seria o conformismo social.

⁵ ‘Designamo-lo por princípio de desempenho a fim de darmos destaque ao fato de que, sob o seu domínio, a sociedade é estratificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes dos seus membros’ (MARCUSE, 1955, p. 59).

⁶ Marcuse utiliza o conceito Freudiano repressão, onde segundo Freud, a história do homem é a história de sua repressão. A repressão é tanto social quanto biológica, contudo essa coerção é condição do progresso, pois se o homem tivesse liberdade de buscar seus objetivos, ou seja, os desejos básicos, qualquer forma de comunidade humana seria impossível. Em relação à mulher a repressão ocorre de forma particular por serem socialmente condicionadas são reificadas, inferiorizadas e exploradas em uma sociedade de domínio masculino.

Marcuse assim como Hegel chamará de natureza secundária⁷, sentimentos como: sensibilidade, delicadeza, passividade, que seriam próprios da mulher, pelas condições sociais e histórica, pois a mesma durante toda a história patriarcal fora dominada e tais sentimentos são opostos a realidade estabelecida. O filósofo justificará que tais qualidades fazem parte apenas da mulher por ser um processo histórico, onde por muitos anos a mulher teve um papel apenas de procriar e cuidar do filho, sempre vista como inferior diante uma sociedade patriarcal, onde os homens tornaram-se historicamente agressivos. Em uma nova sociedade certas qualidades femininas substituiriam qualidades brutas e violentas que seriam pertencentes ao homem, defendendo uma forma de androgenia

Marcuse mostra-se central para compreender as dinâmicas sociais de um princípio de realidade estabelecido, onde aprisiona os indivíduos por meios de suas próprias satisfações e o desempenho erótico dos indivíduos torna-se alinhado com o desempenho social. O *status quo* com seus discursos de competências transformou a vida e a sociedade, introduzindo um modo de vida fundamentado na produção, exploração do homem, venda de trabalho e acúmulo de bens.

Visto por muitos como um filósofo pessimista em suas obras, Herbert Marcuse procura apresentar possibilidades que homens e mulheres sejam livres do domínio e exploração. A mulher como potência revolucionária em oposição a um conservadorismo muitas vezes prevalecente na sociedade industrial avançada terá papel determinante para conquistar não apenas sua emancipação mas superar uma etapa essencial para uma sociedade melhor para homens e mulheres.

1.1 A Mulher como Antítese diante a Sociedade Industrial Avançada

A expressão “feminismo socialista” utilizada por Marcuse refere-se a um movimento radical que negaria os valores e exigências de domínio e exploração da sociedade patriarcal, onde os homens tornaram-se historicamente agressivos. Assim, para ocorrer a emancipação física e intelectual feminina diante do *status quo*, Marcuse propõe que o movimento opere em dois níveis: primeiramente a luta pela igualdade econômica, social e cultural e segundo o movimento como potência que construiria uma sociedade a partir de um novo princípio de

⁷ Um conceito hegeliano, “segunda natureza”. O Aristóteles já falava que os hábitos são nossa segunda natureza.

realidade que ultrapassaria as exigências do domínio e exploração tanto do homem como da mulher, sendo uma negação dos valores propostos pelo estabelecido.

Em *O Homem Unidimensional* Marcuse chamará a atenção para o reconhecimento da verdadeira consciência que os próprios indivíduos deveriam reconhecer e romper “o homem tem de vê-la e passar da consciência falsa para a verdadeira, do interesse imediato para o interesse real” (1964, p.17). Mesmo que o capitalismo tenha a possibilidade e condições materiais para a libertação tanto do homem, quanto da mulher, nunca permitirão o alcance desta, uma vez que o capitalismo dificulta e não tem interesse de uma formação de uma consciência livre. A formação da consciência na sociedade capitalista é barrada pelas relações de alienações que se desenvolve desde sempre. Em vista são necessárias articulações, não só em termos teóricos mas também práticos, uma consciência revolucionária que determine a realidade para com a luta pela emancipação feminina assim como também dos homens: “Esse movimento é ligado com a luta política por uma revolução, pela liberdade para os homens e as mulheres.” (MARCUSE, 1974, p.5, tradução nossa).

Como pré-requisito básico para uma liberdade a igualdade das mulheres, não poderá ser alcançada numa estrutura capitalista, onde Marcuse alertará para uma dupla exploração da mulher, como dona de casa, mãe e agora fazendo parte do trabalho. É importante deixar claro que o filósofo aqui não pretende dizer que a mulher deve está restrita a ser dona de casa ou mãe e não participar do trabalho mas que apenas mediante a igualdade econômica, política e cultural, a mulher terá papel determinante, por enquanto se encontra como força política de oposição, que combata as opressões e compreenda a realidade. Uma vez abolida a sociedade capitalista e instaurada as relações socialistas as mulheres serão emancipadas.

Herbert Marcuse tomando como base um artigo de Angela Davis “*La Mujer y el capitalismo*”, onde a mulher como função revolucionária seria antítese do princípio de desempenho, a filósofa irá propor: diminuição do trabalho físico pesado, redução da jornada de trabalho, produção de roupas agradáveis e baratas, liberalização da moral sexual, controle de natalidade e educação geral. Esses seriam fatores da antítese frente ao princípio de desempenho para a emancipação feminina. Metas que só seriam possível mediante uma transformação social, onde a mulher antes vista como objeto sexual, agora seria vista como sujeito independente que teria força política na luta contra o capitalismo avançado.

Na obra *Eros e Civilização*, assim como também em *Um ensaio para Libertação*, Marcuse compreende desde então a necessidade de alternativas que o indivíduo pudesse transcender os valores estabelecidos a partir de uma nova sociedade, para além da realidade

estabelecida, onde as diferenças entre homens e mulheres teriam sido superadas, livres de exigências, dominação, novas relações sociais, um Eros libertário a partir de uma nova sensibilidade como força política:

A nova sensibilidade tornou-se, por essa mesma característica, práxis: emerge na luta contra a violência e a exploração, onde quer que essa luta se desenvolva por meios e formas de vida essencialmente novos: negação de todo o establishment, da sua moralidade, da sua cultura; afirmação do direito de construir uma sociedade onde a abolição e do trabalho árduo conduz a um universo onde o sensível, o lúdico, a tranquilidade e o belo se tornam formas de existência e daí a forma da própria sociedade.⁸

Na obra *Eros e Civilização* destacará a importância da emancipação feminina após o derrubamento do sistema patriarcal, a partir do mito freudiano da horda primeva⁹:

O papel das mulheres ganha uma importância crescente. “ Uma boa parte do poder que ficara devoluto pela morte do pai passou para as mulheres; seguiu-se o período do matriarcado”. Parece essencial a hipótese de Freud, que na sequência do desenvolvimento, rumo a civilização, o período patriarcal tenha precedido pelo despotismo patriarcal primordial; o baixo grau de dominação repressiva, a amplitude de liberdade erótica, que estão tradicionalmente associados ao matriarcado, deparam- se- nos, na hipótese de Freud, mais como consequências do derrubamento do despotismo patriarcal [...].” (MARCUSE, 1955, p. 49).

Como fator decisivo de emancipação, vemos Eros, prazer e vida como princípio feminino, contrário ao princípio de realidade estabelecido, constituindo como força revolucionária.

O movimento de mulheres para Marcuse é um dos mais importantes agentes catalizadores, como força e luta revolucionária na negação de valores reproduzidos pelo domínio masculino, dentro de uma sociedade de classes que tende a cada vez mais ser agressiva e predatória. No entanto, um retrocesso que pode ser impedido pelo movimento

⁸ MARCUSE, 1969, p. 41-42.

⁹ A origem da sociedade repressiva é construída sobre uma hipótese antropológica, segundo Sigmund Freud, o primeiro grupo humano foi organizado sob dominação. Na obra *O Mal Estar da Civilização*, Freud vai retomar seu artigo “ Totem e Tabu” sobre o mito da horda primeva, mostrando que o indivíduo desde seus primeiros fora dominado. “ A hipótese freudiana sobre a origem da história humana, abstraindo de seu possível conteúdo empírico, resume admiravelmente, numa imagem incomparável, a dialética de dominação, sua origem, transformação e desenvolvimento com o progresso da civilização. Seus traços principais são conhecidos: a história começa quando, numa horda primitiva, o mais, o pai primitivo, se impõe como senhor absoluto e estabelece sua dominação ao monopolizar a mulher- a mãe ou as mães- e ao excluir da fruição dela todos os outros membros da horda. Isso significa que não são a natureza, a pobreza, a fraqueza que forçam a primeira e decisiva repressão pulsional visando o desenvolvimento da civilização, e sim o despotismo da dominação- o fato de que um déspota distribui e se aproveita injustamente da pobreza, da escassez, da fraqueza, de que reserva para si a fruição e joga o trabalho sobre os outros membros da horda. Esse primeiro passo na repressão das pulsões, ainda pré-histórico, leva necessariamente ao segundo: a rebelião dos filhos contra o despotismo do pai. Segundo a hipótese de Freud, o pai é assassinado pelos filhos e devorado coletivamente numa refeição fúnebre”. (MARCUSE. A noção de progresso à luz da psicanálise, p. 113).

**A FUNÇÃO REVOLUCIONÁRIA DA MULHER A PARTIR DE HERBERT
MARCUSE**

feminino ao lado do homem contra a sociedade capitalista pela mesma força que liberarão todos os trabalhadores e minorias de sua opressão e alienação.

A partir do socialismo feminino será possível um socialismo que transcenda o princípio de realidade ao lado do princípio de desempenho, “o socialismo, como sociedade qualitativamente diferente, deve incorporar a antíteses, a negação definitiva das necessidades de agressividade e repressão assim como os valores do capitalismo.” (1974, p. 8, tradução nossa).

Em *Contra revolução e Revolta*, o filósofo irá destacar que sobre a mulher contém a promessa de libertação e lembra o símbolo de liberdade que a mulher traz consigo:

neste sentido também, a mulher carrega a promessa de libertação. É a mulher que, na pintura de Delacroix, segurando a bandeira da revolução, lidera o povo sobre as barricadas. Ela não veste uniforme; seus seios estão à mostra, e seu lindo rosto não mostra traço de violência. Mas ela tem um rifle na mão – pois o fim da violência ainda é algo para se lutar.¹⁰

Apenas com a igualdade econômica e política a mulher terá um papel determinante na reconstrução radical de uma sociedade, Marcuse alertará que tal igualdade na sociedade estabelecida não significará exatamente liberdade, mas sim uma igualdade repressiva, diante disso o movimento deve ser agressivo frente a um capitalismo avançado e seu atraso histórico que cada vez mais se desmorona.

A luta pela emancipação das mulheres, também é uma luta pela emancipação humana, “As mulheres devem ter liberdade para determinar sua própria vida, não como esposas, não como mães, não como amantes, não como noiva, sim como seres humanos individuais.” (1974, p. 17, tradução nossa). Não uma emancipação utópica, irrealizável mas uma luta política que tem todos os meios possíveis de acontecer.

Conclusão

No passado as mulheres não tinham direito algum sobre suas vidas e diante a sociedade, as quais não podiam trabalhar (apenas se o marido permitisse), eram excluídas de qualquer participação política ou educação, não poderiam expressar qualquer ideia, seria apenas permitido exercerem a função de mãe e donas de casa “recatadas e do lar”. Mas durante toda história da humanidade, apareceram mulheres importantes, tomemos como

¹⁰ MARCUSE. *Counterrevolution and Revolt*. Boston: Beacon Press, 1972, p. 77-78.

exemplo, a filósofa Hipátia por ser considerada herética, contraria a toda religião da época, (onde estava ocorrendo uma transição para o Cristianismo), além que o patriarcado começara a dominar com rigidez, acabou por ser morta por expressar suas ideias. Uma caminhada marcada por lutas, gerações de mulheres que se antes aceitavam e obedeciam caladas, hoje personagens femininas marcantes na luta feminina em busca, além de igualdade de gênero, também política, trabalhistas, como por exemplo: Rosa Luxemburgo, filósofa, marxista, conhecida por sua militância revolucionária; Simone de Beauvoir uma das principais referências feministas do século XX, com sua famosa frase: “Não se nasce mulher: torna-se” (O Segundo Sexo, 1949), assim como Angela Davis, professora e filósofa marxista, uma das principais vozes do movimento feminista negro contemporâneo que discursou durante a Marcha das Mulheres contra Trump em janeiro de 2017 no EUA.

Apesar da sociedade unidimensional dificultar as forças de oposição dos indivíduos, defender a emancipação feminina diante de uma sociedade patriarcal ainda é pertinente, na insistência de uma saída radical para a libertação não apenas das mulheres mas também dos homens. Diante disso, Marcuse não fica restrito apenas no campo ideológico mas no campo prático, propõe novas relações entre homens e mulheres, mas não no sistema capitalista avançada, “pode-se notar como característica do marxismo de Marcuse a busca incessante pela utopia como guia ético do processo de transformação social e a crítica sem concessões ao existente” (OLIVEIRA, R. 2011, p.69). O filósofo é otimista em relação a possibilidade de uma civilização madura, uma nova relação entre natureza e sociedade, alternativas para solidariedade, eroticidade e paz duradoura, no entanto a emancipação das mulheres não se concentra apenas em um novo princípio de realidade, mas também, uma mudança de consciência dos homens e mulheres, para assim reconhecerem que a emancipação dos indivíduos pode ser positiva para ambos, assim finalizo com Marcuse: “ A ordem só é liberdade se fundada e mantida pela livre gratificação dos indivíduos” (MARCUSE, 1955, p. 170).

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na civilização*. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015a.

OCCURSUS
REVISTA DE FILOSOFIA

_____. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015b.

_____. *Um ensaio sobre a libertação*. Tradução de Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

_____. *Marxism and Feminism*, Conferência, Universidade de Stanford, California 1974. Tradução: Adolfo Castañón y Daniel López Acuña.

_____. *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

OLIVEIRA, R. *A teoria crítica como teoria da mudança social: O Marxismo de Marcuse*. Em *Marxismo e Ciências Humanas: leituras sobre o capitalismo num contexto de crise: ensaios em comemoração aos 15 anos de Crítica Marxista*. Curitiba, 2011.